

PATRIMÔNIO CULTURAL DE MOGI DAS CRUZES, SP - FESTA DE SANTO ANGELO

Marisa Oliveira de Moura¹; Rosália Maria Netto Prados²; Luci Mendes de Melo Bonini³

1 Estudante do Curso de Administração; e-mail: marisaoliveiramoura@yahoo.com.br

2. Professora do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Sousa; e-mail: rosalia.prados@gmail.com

3. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; E-mail: luci.bonini@umc.br

Área de conhecimento: **Ciências Sociais Aplicadas**

Palavras-chaves: Patrimônio material e imaterial; festas e celebrações.

INTRODUÇÃO

As celebrações folclóricas religiosas têm lugar garantido nas cidades do interior do Brasil. Em Mogi das Cruzes o cenário não é diferente. Embora a cidade tenha características de cidade grande, já que tem em torno de 450 mil habitantes (IBGE, 2018) e está apenas a 50 quilômetros da capital, (MOGI DAS CRUZES, 2019) guarda ainda características de cidade interiorana, com festas folclóricas religiosas como a Festa do Divino, Festa de São Benedito e a Festa de Santo Ângelo, objeto de estudo deste trabalho. Para fins deste trabalho, cultura é como um conjunto que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e qualquer das capacidades e hábitos humanos. O Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) nasceu com o intuito de proteger "(...) os bens de natureza material e imaterial". Seu objetivo é preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo a destruição e/ou descaracterização de tais bens. Esta tendência atual de preservação de patrimônio cultural deve-se às ações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que definiu como Patrimônio Cultural Imaterial como: "práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados." (UNESCO, 2006). O Brasil, seguindo a linha proposta pelas políticas mundiais, também ofereceu a proteção aos bens culturais na sua Constituição Federal de 1988, que aborda o patrimônio cultural como uma necessidade de proteção no aspecto cultural que é inerente à construção de uma nação mais igualitária. As festas fazem parte do patrimônio cultural, seja ele tombado por decreto, seja ele eleito assim pela vontade do povo que o mantém como tradição cultural. Cada localidade tem suas experiências, suas regras, sua paisagem e seus costumes, cada uma tem sua singularidade (OLIVEIRA; CALVENTE, 2011).

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é descrever a festa de Santo Ângelo no bairro de Jundiapéba, município de Mogi das Cruzes, São Paulo e as práticas coletivas de organização, alimentação, o trabalho voluntário e a percepção dos devotos.

METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de um projeto maior, aprovado pelo CEP sob número: 2.626.912. Como método, optou-se por uma pesquisa de natureza exploratório - descritiva, de abordagem quanti - qualitativa de corte transversal (2018-2019). Foram sujeitos desta pesquisa 27 pessoas entre organizadores, e frequentadores da festa de Santo Ângelo com mais de 18 anos de idade, de ambos os sexos. Eles foram abordados durante o evento e

assinaram o Termo de consentimento Livre e Esclarecido. A coleta de dados se deu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e em seguida transcritas para a análise de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em Mogi das Cruzes, Estrada das Varinhas, no bairro de Jundiapéba, está localizada a capela de Santo Ângelo. Essa que é "(...) uma das mais antigas construções do município". (GRINBERG, 1961, p. 36). Foi edificada por volta de 1633, porém 1738 é a data que pode ser observada na verga da porta principal e que alguns pesquisadores afirmam ser a data de sua construção, ou teria sido gravada após uma pequena reforma realizada nesse período. Além do propósito de realizar cultos religiosos aos poucos situantes vizinhos, na época, a capela, servia também, de hospedagem para seus devotos que de longe vinham. (MORAES et al, 1988). Em razão disso, os muitos cômodos que pode ser encontrado no local serviam a esse propósito, principalmente nos dias de festa de Santo Ângelo. O que ocorre até os dias de hoje. Oriunda de um tempo em que as comemorações religiosas era as grandes e únicas atrações, capazes de tirar os camponeses de seus sítios distantes (CAMPOS, 1978, p. 42). A festa de Santo Ângelo de Mogi das Cruzes, é um exemplo de preservação da memória e identidade de um povo.

- **Atividades realizadas durante a Festa**

Com a duração de dois dias, a festa ocorre anualmente na semana de aniversário da morte do santo padroeiro. Normalmente, inicia - se no sábado, e é composta por diversas atividades: carregamento do mastro da bandeira de Santo Ângelo, missa, levantamento do mastro, queima de fogos, quermesse, com bingos, apresentação de congada, muita comida e bebidas. No dia seguinte, é ministrada a missa campal e a procissão em homenagem a Santo Ângelo, apresentação de congada e para finalizar, é servido o afogado para todos os presentes. O afogado é um prato de carne com batata servido gratuitamente a todos os presentes. Segundo relatos informais, é servido na festa há mais de um século. Os preparos para o evento começam bem antes, na semana que antecede, homens e mulheres se mobilizam para a capinação e limpeza da capela. Os tradicionais doces de abóbora, batata, mamão, canjica, arroz doce entre outros, começam a ser preparados nessa mesma semana. No entanto, ainda antes, mais especificamente, quarenta dias antes da festa, iniciam-se os terços, realizados diariamente nas casas dos fiéis, normalmente, em Mogi das Cruzes, Suzano e em Jundiapéba, onde está concentrada a maior parcela dos devotos de Santo Ângelo: "*A reza começa 40 dias antes, então a gente já vai pedindo a arrecadação da semana: uma semana é óleo, outra semana é açúcar, outra semana é café, outra semana é leite condensado, assim. Aí, nisso, nesse montante que das arrecadações é distribuído para todas as barracas.*"

- **Percepções dos organizadores da festa:**

Os organizadores da festa geralmente são os festeiros e o capitão do mastro e normalmente eles têm como auxiliares voluntários que já trabalham na festa ao longo de décadas, que já conhecem a lida na preparação e no evento em si. Conforme explica uma das festeiras: "*Nós fazemos eventos. Por exemplo, fazemos o baile: cada baile, por exemplo, dá uns cinco mil. Que nem, esse ano, a carne ficou meio mais cara, ficou oito mil e alguma coisa. Sendo que ano passado ficou seis e quatrocentos.*" As festas fazem parte das civilizações, sua função é de reviver rituais de grupos específicos cujas expressões culturais, cosmológicas e sagradas demonstram sentimento de pertencimento, trocas socioeconômicas e exercem ainda um papel de regulação social e territorial (OLIVEIRA e CALVENTE, 2011).

- **A tradição de participar da festa**

Serpa (2004) vê os moradores dos bairros populares como articuladores de uma rede, ou várias redes superpostas que se articulam em diferentes níveis que são determinantes para o surgimento e a manutenção de manifestações culturais, principalmente as religiosas que

mantém laços indenitários: “Desde os meus avós, é de geração em geração, essa festa. É desde as minhas bisavós... É... A festa, ela já existe há 281 anos. Então é de geração em geração.... Hoje.... Meu bisavô, meu avô, meus pais, eu; hoje é minhas filhas e amanhã, os meus netos. ”As festas são eventos sociais, nos quais os participantes reafirmam seus laços de solidariedade, preservar a memória, demonstrar as hierarquias dessa sociedade ou grupo, (CRUZ; PINTO, 2008).

- **O trabalho voluntário**

Voluntários doam seu tempo livre para beneficiar outros, é uma contribuição de serviços, bens ou dinheiro para se obter determinado resultado e Wilson e Musick (1997) afirmam que os voluntários tendem a ocupar um status numa sociedade e os autores acrescentam algumas variáveis para se estudar o trabalho voluntário: fatores exógenos (raça, idade, gênero); fator endógeno (capital humano), capital social (conexões sociais); capital cultural (religiosidade, por exemplo). Assim eles se expressam: “Eu acho que é a preparação do afogado. É a parte que acho que a parte de servir para as pessoas o alimento, a gente vê a quantidade de pessoas que vem e porque já muito, muita antiga é uma coisa assim, de muitos anos e as pessoas não perdem isso elas continuam vindo e ver, perceber que eles têm muita fé por que ficam a noite inteira acordado, eles ficam prestando atenção no cozimento da carne para dar o melhor de si né. ”

- **Percepção dos visitantes**

Assim os visitantes descrevem sua vinda: “Desde a infância, então é uma coisa assim que está embrenhado dentro da gente, né? Quando fala de Santo Ângelo, a gente fica.... Assim, emocionada. Que nem a menina falou gratidão, devoção, é tudo isso; “Acho que faz bem uns dez anos que eu venho para cá, todo ano eu venho, tenho nem ideias de quantos anos faz. Todo ano eu venho.”. Os devotos alcançam graças e vêm à festa agradecer os milagres e assim a religiosidade popular transforma esses dias em momentos de gratidão, de perseverança e fé, marcados pelas rezas, pelas músicas, pelas imagens dos santos na capela, nas bandeiras e nos mastros (TAVARES, 2013).

- **A gastronomia**

A distribuição do alimento é bastante comum nas festas religiosas, símbolo de abundância, metáfora bíblica da multiplicação dos pães e outros milagres da abundância são recriados nessas festas religiosas. Assim os participantes se exprimem: “Vai começar a cortar, é muito bonito. Faz oração, todo mundo chora, fica muito emocionado, porque - quando a carne chegou ontem - nós choramos na hora que rezou, por quê? Porque é muita coisa para nós comprar, porque não existe no estado de São Paulo uma festa que tenha afogado que seja de graça; “Nós cozinhamos cinquenta... Sessenta quilos de feijão hoje, só no almoço. ”; Ah! Rosa-sol era uma bebida feita com erva-doce e ele é tingido de rosa, por isso..., mas.... Vai pinga, entendeu? ” Conforme depoimento de participantes as doações são feitas por moradores do bairro, comerciantes locais e alguns políticos. Para Amaral (2003) a distribuição de comidas é a espetacularização das doações e a abundância permite a inclusão por meio da distribuição de bens.

CONCLUSÕES

Este trabalho tinha como objetivos descrever a festa de Santo Ângelo no bairro de Jundiapéba, em Mogi das Cruzes e as práticas coletivas de organização, alimentação, o trabalho voluntário e a percepção dos devotos. Nas práticas populares da religiosidade católica os pontos centrais são os santos, porém, muitos eventos folclóricos, gastronômicos e culturais como um todo ocorrem ao seu redor. Concluiu-se que a festa tem muitos participantes envolvidos na organização, assim como na distribuição do afogado, na quermesse e nos eventos culturais e religiosos. Entendeu-se que tanto a comunidade quanto o poder local entendem a importância desta festa tanto como patrimônio cultural como uma celebração folclórico-religiosa que atrai turistas e acelera a economia do bairro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita. Festas católicas brasileiras e os milagres do povo **Civitas**. **Revista de Ciências Sociais**, vol. 3, num. 1, junho, 2003, pp. 187-205 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

BRASIL. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

CAMPOS, Jurandyr Ferraz de. **Santa Anna das Cruzes de Mogy: huma Villa de Serra aSima**. São Paulo, Global Editora e Universidade de Mogi das Cruzes: 1978.

CRUZ, Mércia Socorro R., PINTO, Juliana Santos Menezes O. Festas culturais: Tradição, Comidas e Celebrações. **I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA**. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008.

GRINBERG, Isaac. **Mogi das Cruzes de antigamente**. São Paulo: 1964.
IPHAN; MINC. **O Registro do Patrimônio Imaterial**: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: FUNARTE, 2000.

OLIVEIRA, Alini Nunes e CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2012.

SERPA, Ângelo. Experiência e vivência, percepção e cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais em bairros populares de Salvador-Bahia. **Rev. RA E GA**, Curitiba, n. 8, p. 19-32, 2004. Editora UFPR.

TAVARES, Thiago R. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, jul. Dez/2013.

WILSON, John & MUSICK, Marc. Who Cares? Toward an Integrated Theory of Volunteer Work. **American Sociological Review**, Vol. 62, No. 5. Oct., 1997.